

SEBASTIAN STOCKHAMER E O DESAFIO DE COMENTAR ALCIATO «COM O PESO DO ETNA SOBRE OS OMBROS»

SEBASTIAN STOCKHAMER AND THE CHALLENGE OF COMMENTING
ON ALCIATO «COM O PESO DO ETNA SOBRE OS OMBROS» [LIKE THE
WEIGHT OF ETNA ON ONE'S SHOULDERS]

Filipa Marisa Gonçalves Medeiros Araújo*
Universidade de Coimbra
ORCID: 0000-0001-8772-3807

ABSTRACT • In 1556, Jean de Tournes and Guillaume Gazeau published the first commented edition of Alciato's *Emblemata*. The volume included Latin commentaries written by Sebastian Stockhamer, an unknown figure among 16th century scholars. Although the interpretative notes did not apply to all emblems, this publication opened a new chapter in the complex editorial history of the famous book by the Milanese jurist.

Competing with other commentaries that became more popular (such as those by Mignault or El Brocense), Stockhamer's notes were reprinted several times. However, the passage of time seems to have eradicated all traces of the unfortunate commentator, condemning his pioneering work to oblivion. This study aims, therefore, to update the information available on this reader of Alciato, reflecting on the context of the production of the comments, elucidating his method and discussing his contribution to the diffusion of the commented editions. In this way, the study proposes to shed new light on the role that Stockhamer played in the dissemination of the *Emblemata*.

KEYWORDS: Alciato; Emblems; Commentary; Stockhamer; Reception Studies.

RESUMO • Em 1556, saía dos prelos lioneses de Jean de Tournes e Guillaume Gazeau a primeira edição comentada dos *Emblemata* de Andrea Alciato. O volume incluía comentários latinos redigidos por Sebastian Stockhamer, uma figura desconhecida no universo intelectual do século XVI. Embora as notas interpretativas não se aplicassem a todos os emblemas, esta publicação inaugurou um novo capítulo na complexa história editorial do famoso livrinho do jurista milanês.

* Este trabalho foi desenvolvido ao abrigo do projeto de pós-doutoramento intitulado "Signos mudos e imagens falantes: a receção da linguagem logo-icónica na cultura portuguesa do Barroco" SFRH/BPD/107747/2015, financiado pela FCT no âmbito do POCH - Programa Operacional Capital Humano, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES.

Rivalizando com outras propostas que se tornaram mais populares (como as de Mignault ou de El Brocense), as anotações de Stockhamer foram reimpressas várias vezes. No entanto, a passagem do tempo parece ter apagado o rasto do desafortunado comentador, condenando ao esquecimento o seu trabalho pioneiro. Pretende-se, assim, atualizar as informações disponíveis sobre este leitor de Alciato, reflectindo sobre o contexto de produção dos comentários, dando a conhecer o seu método e discutindo o seu contributo para a difusão das edições comentadas. Visa-se, deste modo, lançar nova luz sobre o papel de Stockhamer na divulgação dos *Emblemata*.

PALAVRAS-CHAVE: Alciato; Emblemas; Comentário; Stockhamer; Estudos de receção.

Procurando corresponder ao desafio de desbravar novos trilhos de pesquisa na senda de Alciato, parece-nos pertinente refletir sobre as edições comentadas dos *Emblemata*, que começaram a circular na segunda metade do século XVI e acompanharam a longa fortuna editorial da obra.¹ A postura didática dessas publicações prometia derrubar grande parte dos obstáculos à compreensão dos leitores menos preparados, conquistando o aplauso do público e o apoio dos impressores numa época em que apenas os autores clássicos mereciam o privilégio de saírem a lume acompanhados por escólios.²

Entre os comentadores de Alciato, a proposta de Claude Mignault³ tornou-se uma das mais populares, contrastando com o tom erudito de Sanchez de las Brozas.⁴ Os dois contributos interpretativos foram também incluídos na monumental edição dos *Emblemata* (Alciato, 1621) publicada em Pádua por Tozzi, juntamente com as correcções de Laurentius Pignorius e as anotações de Féderic Morel.⁵

Em Portugal, há indícios da circulação de edições comentadas dos *Emblemata*, tendo-se tornado particularmente célebre a versão de um discípulo de El Brocense, Diego López (1615), que conheceu sucessivas reedições e foi integralmente traduzida para português por

1. Segundo o estudo de Enenkel (2018: 233), baseado em Green (1872), as versões comentadas representam quase 90% das edições dos *Emblemata* entre 1556 e 1651.

2. Na edição lionesa dos *Emblemata* saída dos prelos de G. Roville em 1566, o título destacava a introdução de «*Epimythia, quibus Emblematum amplitudo quaecunque in iis dubia sunt aut obscura, tanquam perspicuis illustrantur*» (Green, 1872: 191-192), confirmando o interesse crescente pelas versões anotadas que procuravam ilustrar alguns mistérios semânticos.

3. Claude Mignault (1536-1606) publicou os seus extensos e eruditos comentários pela primeira vez na edição parisiense dos *Emblemata* impressa por Denis du Pré (Alciato, 1571). Plantin passou a incorporar as glosas de Mignault e adotou a organização numerada dessa impressão (Alciato, 1573b). Esta edição acrescentou uma introdução e um tratado teórico, intitulado *Syntagma*, que conheceram diferentes versões ao longo do tempo. Sobre o papel de C. Mignault como editor e comentador de Alciato, na casa Plantin e nas publicações francesas de Marnef e Richer, veja-se Vuilleumier (2000: 145-172).

4. Este professor de Salamanca contribuiu decisivamente para a renovação dos estudos clássicos em Espanha, pois desenvolveu o método científico de análise filológica, com base na investigação das fontes. O verdadeiro impacto do comentário salmantino aos *Emblemata* de Alciato publicado em 1573 tem sido subvalorizado por causa da escassez de referências a essa fonte (López Poza, 2000: 268).

5. Em 1618, Laurentius Pignorius publicou em Padua a primeira versão dos seus comentários. O professor Féderic Morel (1552-1630) já dera à estampa em Paris os seus *Corollaria e monita* no volume dos *Omnia Andreae Alciati V. C. Emblemata* (Officina Ioan. Richerii, 1618). Johannes Thuilius (1590-1630), conhecido físico e lente de Retórica, escreveu um longo prefácio para a edição de 1621, que prometia assumir-se como referência. Esta edição recuperava o emblema censurado que saíra ilustrado na versão veneziana (1546: f. 26v) e voltou a ser impresso, sem gravura, nas edições de Stockhamer (1556: 203) e Held (1567: f. 55r), bem como na publicação de Cologny (1615: 208).

Teotónio Cerqueira de Barros.⁶ No que diz respeito à receção de Alciato em terras lusitanas, cumpre ainda lembrar outro comentador que se distinguiu por ter apresentado a primeira edição sistematicamente comentada dos *Emblemata*.⁷ Trata-se de Sebastian Stockhamer, autor de um «intriguing commentary» que lhe valeu o título de «inventor of the genre of the scholarly emblem commentary» (Enenkel, 2018: 233). Este trabalho pioneiro imprimiu um marco assinalável nos estudos de emblemática no universo português. Importa, por isso, procurar dar resposta a muitas questões que subsistem sobre a obra e o seu autor.

FRUTO DO ACASO OU DA OCCASIO: COMO SURGIRAM OS COMENTÁRIOS DE STOCKHAMER AOS EMBLEMATA?

Impressa nas oficinas lionesas de Tournes e Gazeau, em 1556, a edição *princeps* dos comentários de Stockhamer reproduzia apenas os lemas e as *picturae* dos emblemas do primeiro livro, sem as *subscriptiones*.⁸ Nesse mesmo ano, saiu nova versão com uma estrutura bipartida: primeiro os 113 emblemas estampados por Wechel (1534) acompanhados de comentário latino e, no segundo livro, sem gravuras, as 86 composições introduzidas na publicação de Veneza (1546). O conteúdo era, desde logo, explicitado pelo título *Emblematum lib. II Nuper adiectis Seb. Stockhameri Germ. In primum librum succintis commentariolis* [fig. 1]. Estes «sucintos comentários» provinham, então, dos prelos lioneses, um dos centros difusores dos *Emblemata* mais ativos na época, mas foram redigidos nos paços da Universidade de Coimbra, na sequência de uma conjugação de fatores que tanto podem ser fruto do acaso como de uma ocasião bem aproveitada.

Tal acontecimento está relacionado com o programa de renovação que o rei D. João III levou a cabo ao transferir a Universidade de Lisboa para Coimbra, no ano de 1537. A estratégia incluiu o envio de embaixadores aos principais centros académicos europeus com a missão de contratar reputados mestres para lecionar na Lusa Atenas. Andrea Alciato foi um dos visados, mas escusou-se, enviando ao monarca uma missiva em que se justificava com a falta de disposição e com a idade, recomendando o discípulo Ascânio Escoto em seu lugar. De acordo com a minuta da resposta régia datada de 1547,⁹ o monarca português admirava as «letras e doutrina» do jurista milanês, levando a crer que as obras literárias e jurídicas do lente italiano circulariam já nas mãos da elite culta.

6. Esta versão manuscrita, datada de 1695, aparenta ter sido preparada para impressão (Araújo, 2014: 229-256).

7. Na edição de 1549 que inclui a tradução de Barthélemy Aneau (c.1510-1561), os 201 emblemas obedecem a uma disposição temática e a versão francesa surge acompanhada por algumas breves notas sobre a mensagem moralizante das composições, acrescentando pontualmente informações históricas (Adams, 1999: F026). Discute-se ainda qual o papel de Aneau no estabelecimento dessa formatação, mas é evidente que o autor de *Picta Poesis* estava familiarizado com as normas do género emblemático. As notas explicativas (*seu effabulationes*), que aclaravam os pontos mais duvidosos ou obscuros, foram reimpressas na edição de Frankfurt (1567), antes de surgirem os comentários de Mignault, e voltaram a passar pelos prelos de Roville em 1574 e 1580 (Green, 1872: 92). Várias edições francesas foram publicadas com a inclusão dos comentários de Aneau (Adams, 1999: F027, F038, F039 e F041, entre outras).

8. Saiu com o título *In D. Andreae Alciati Emblemata succinta commentariola, Sebast. Stockhamero Germano auctore* (Adams, 1999: F036).

9. A cópia do documento régio dirigido ao autor dos *Emblemata* está atualmente no ANTT (Collecção de São Vicente, vol. 4º, fol. 148v). Ascânio Escoto regressou a Itália no mesmo ano.

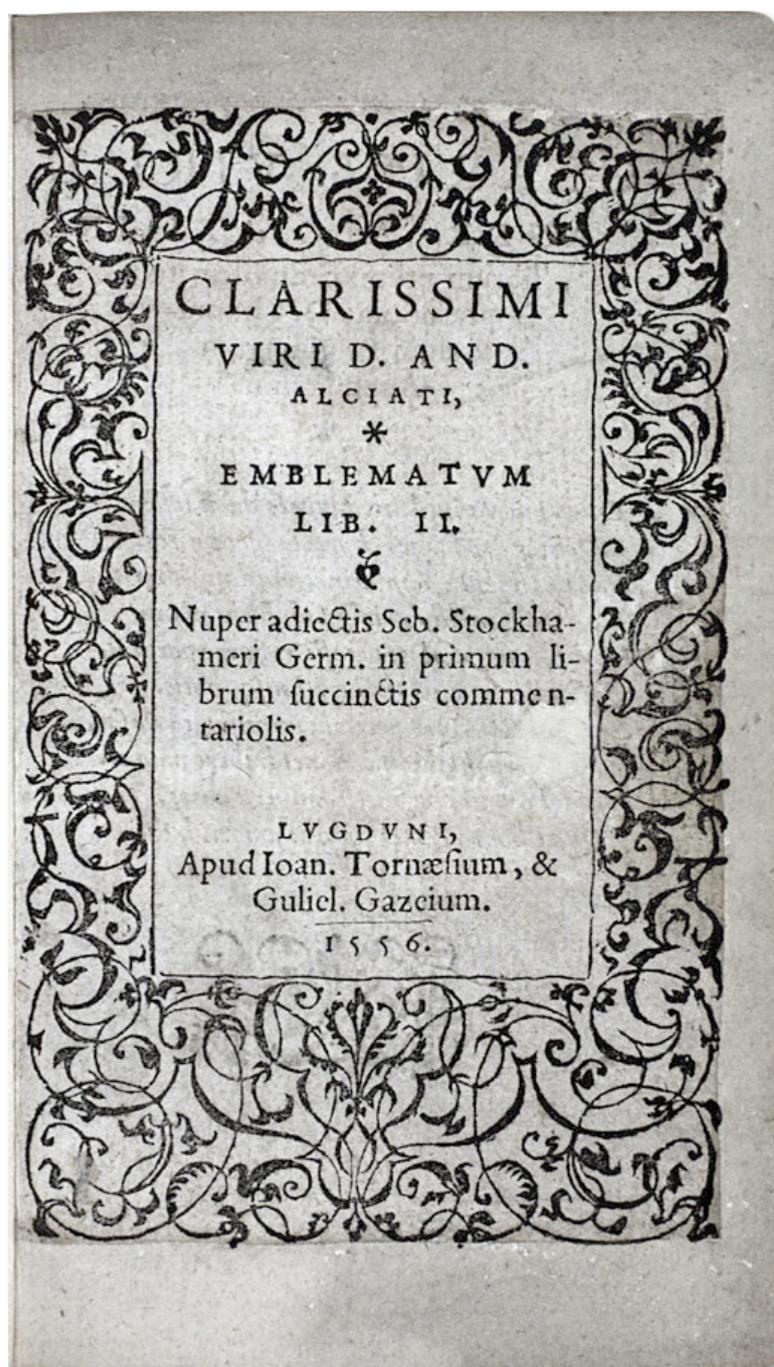


Fig. 1. Página de rosto de Alciato, *Emblematum libri*, 1556. Fonte: University of Glasgow Library, Special Collections (Sp Coll SM36).

Entre os doutores que renovaram o corpo docente da instituição a convite do Piedoso, chegou a Coimbra, no ano de 1547, Fábio Arcas de Narnia, trazendo consigo o jovem comentador dos *Emblemata*.¹⁰ O secretário do lente italiano terá acompanhado o pedagogo com dedicada diligência, mas parece ter simultaneamente frequentado as aulas como estudante, aprimorando os conhecimentos que veio a revelar, quer nos comentários a Alciato, quer no dicionário onomástico latino, publicado em 1570.¹¹ Tal formação foi certamente útil no desempenho do cargo de corretor na Imprensa da Universidade, que terá assumido desde 1557 até ao final da vida.¹²

Os primeiros comentários sistematizados ao famoso livro do jurista milanês brotaram, pois, do seio da *alma mater conimbricensis* e poder-se-á alegar que se tratou de uma casualidade, proporcionada pela vinda de um estrangeiro para Coimbra. Não é claro, de resto, se a obra de Alciato já faria parte da bagagem de Stockhamer ou se o seu primeiro contacto com a emblemática ocorreu na cidade do Mondego. O levantamento das edições dos *Emblemata* no acervo de livro antigo das bibliotecas portuguesas indica que sobreviveram apenas dois

10. Os testemunhos coevos indicam Ingolstadt como local de origem de Stockhamer. Perdeu-se o registo das atas do Conselho correspondente aos anos que permitiriam reconstituir o percurso académico de Stockhamer que figura na relação do concurso à cadeira de Instituta que fora do Doutor António Vaz, cuja oposição teve lugar em 16 de Dezembro de 1549. Depois de Fábio Arcas ter falecido, no ano de 1554, o reitor da Universidade enviou o bávaro à corte com uma carta em que pedia a El Rei que se compadecesse do jovem que o lente trouxera para Portugal e a quem tratava como filho, salientando que o Mestre tinha deixado muitas obras manuscritas e que só o secretário seria capaz de as ler, transcrever e limpar. A 3 de março de 1557, D. João III indicou o jovem para substituir interinamente Fernão de Oliveira, no cargo de corretor da Universidade. O documento indica também que o valido de Fábio Arcas, ainda estudante de Coimbra, se tinha tornado cavaleiro fidalgo da casa real. Esta familiaridade com a corte encontra paralelo com o que o comentador afirma na dedicatória da sua edição dos *Emblemata* (Alciato, 1556: 4). O discípulo de Arcas assumiu funções em 16 de Outubro de 1557 com a responsabilidade de aferir a correção doutrinal dos livros publicados pela imprensa, num momento de apertada censura. De acordo com uma carta régia passada por D. Filipe I em 11 de Fevereiro de 1586, o comentador de Alciato desempenhava, nessa época, o prestigiado cargo de bedel de Cânones e Leis na Universidade, tendo recebido a mercê régia de ver transferida para a filha, Teodora, quando esta se casasse, uma tença anual de vinte mil reis. O matrimónio ocorreu em 1588, como dá conta um documento da chancelaria filipina, assinado em 12 de Agosto de 1590, no qual se confirma também a morte de Stockhamer. Para conhecer mais detalhes biográficos, veja-se Araújo (2014: 185-190), bem como a bibliografia aí citada.

11. O nome de Stockhamer só é conhecido em Portugal pelo *Dictionarivm latino-lusitanicvm, et uice versa Lusitanico latinum* de Jerónimo Cardoso (Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium, 1570), uma vez que assinou a dedicatória e a revisão da obra, mas também porque a enriqueceu com um pequeno léxico de sua autoria, intitulado *Dictionarivm aliud de propriis nominibus celebriorum virorum, Populorum, Regionum, locorum, insularum, Urbium, oppidorum, montium, fluuioium & fontium: nec non aliorum complurium scitu dignorum nominum ac rerum*. Concluída em 1569, foi esta a única obra que publicou em Portugal, com o objetivo de facilitar a consulta aos estudantes, segundo alega na folha de rosto. O dicionário onomástico acompanhou o percurso editorial do léxico luso-latino, pelo menos até à edição de Domingos Carneiro (Lisboa, 1694). Na dedicatória ao mecenas, D. Sebastião, Stockhamer agradece ao Rei a liberalidade do seu patrocínio e o convite para preparar a edição póstuma, que afirma ter revisto, corrigido, ampliado e melhorado, na medida das suas capacidades, eliminando gralhas e esclarecendo alguns pontos mais obscuros, de modo a trazer a lume uma versão aprimorada. Como corretor, Stockhamer foi também responsável pelo prefácio e pela revisão de duas obras do Bispo de Coimbra, João Soares: *Commentarium in Sacrosanctum Evangelium beati Marci* (Coimbra, João de Barreira, 1566) e *Commentarium in Sacrosanctum Evangelium beati Lucae* (Coimbra, António de Mariz, 1574).

12. A tipografia universitária surgiu no reitorado de Frei Diogo de Murça, que passou uma procuração datada de 2 de novembro de 1546 a João Álvares para ir a Lisboa receber o material tipográfico que o Rei D. João III fizera mercê ao Estudo Geral. Já funcionavam oficinas em Portugal desde o último quartel do século XV e havia instrumentos de imprensa no Convento de Santa Cruz desde 1530. Em 21 de março de 1548 há registo de um contrato da Universidade com os impressores João Álvares e João de Barreira, instalados em Coimbra desde 1542. Mas talvez a imprensa universitária não fosse de laboração contínua, pois os materiais estavam a cargo do bedel Fernão Lopes de Castanheira. Depois da morte deste, em 1559, os instrumentos passaram para a guarda direta dos impressores com quem a Universidade estabelecera um contrato e a quem concedia o privilégio (Fonseca, 2001: 7-52).

exemplares anteriores a 1551, por contraste com a maior representatividade de cópias seiscentistas (Araújo, 2014: 658-661). Estes elementos sugerem uma fraca circulação da obra alciatiana em meados do século XVI, embora a dedicatória dos *succinta commentariola*, datada de 1552, faça alusão a uma realidade distinta.

Sem ignorar a dimensão ficcional que pode ditar as informações fornecidas nos paratextos, a metodologia comparatista tende a valorizar o conteúdo dos textos introdutórios, sobretudo quando são escritos pelo mesmo autor da obra, defendendo a tese de que não só fornecem pistas sobre a sua receção, como podem conter reflexões teóricas e estéticas decisivas para a interpretação e para o enquadramento genológico do produto literário. Nesta perspetiva, a dedicatória de Stockhamer apresenta-se como uma fonte de informações pertinentes sobre o contexto de produção dos comentários. Dirigido ao Senhor de Cantanhede, João de Meneses Sottomayor,¹³ nos convencionais termos laudatórios, o discurso preliminar esclarece a génese da obra e responsabiliza claramente o nobre pela iniciativa:

Quando vieste a Coimbra, no verão passado, nobre e magnânimo Senhor, estavas tu a folhear o elegantíssimo Livrinho de Emblemas do doutíssimo Alciato, quando me encontraste por acaso e interrogaste-me, então, sobre algumas histórias um pouco mais obscuras e mais recônditas, bem como sobre as imagens ali inseridas. E eu recitei alguns dos emblemas, de improviso. Encantado pela sua variedade, ou então seduzido pelas aplicações recreativas e engenhosas do muito erudito Alciato, pediste-me logo, com todo o empenho, que explicasse cada um dos emblemas de modo mais claro e um tanto mais prolixo num discurso em prosa. Porque excedia a minha capacidade (eu conhecia, pois, bastante melhor as limitações da minha parca inteligência), eu recusei o pedido para não ser desonesto, visto que as matérias deste tipo, como são eruditas e muito complexas, não podem ser bem destrinçadas senão por alguém muito douto. Porém, acabei por ser convencido tanto pela persuasão de muitos outros, como pela ilustre instigação, ou quase ordem, da tua magnanimidade e dispus-me, enfim, a cumprir esse desejo. Ainda que não imposto, recebi, assim, sobre os meus ombros um peso muito desproporcional às minhas forças e mais pesado do que o Etna: prometi, então, uma obra minha. (Alciato, 1556: 3-4)

Interpretando à letra estas palavras, poder-se-ia concluir que o encontro entre os dois leitores de Alciato teria ocorrido no verão imediatamente anterior à data em que o comentador assina a dedicatória, ou seja, em 1551.¹⁴ No entanto, a preocupação de justificar o atraso na redação causado por algumas viagens imprevistas (nomeadamente à corte de Lisboa) leva a crer que o projeto teria sido iniciado algum tempo antes, assumindo os termos latinos um sentido mais indefinido de «época passada». Talvez o presumível encontro tivesse sido proporcionado durante a visita de D. João III à Universidade de Coimbra, de 6 a 11 de Novembro de 1550, embora as atas do Conselho não tenham registado a presença

13. A prestigiada linhagem dos Meneses de Cantanhede desempenhou um papel de relevo na construção política e militar do império colonial de D. Manuel I e de D. João III. Foram inúmeros os membros da família que partiram para o Oriente, no século XVI. No entanto, não se conhece dados muito concretos sobre a biografia de D. João de Meneses Sottomayor. O pai, D. Jorge, foi casado com D. Leonor de Sottomayor, natural de Castela, e faleceu em 1 de março de 1532. Nascido já no reinado de D. Manuel, João casou primeiro com Margarida da Silva, filha do Conde de Linhares, de quem teve cinco filhos. A capela colateral direita da Igreja matriz da vila, dedicada ao Santíssimo Sacramento, foi mandada erigir para acolher o jazigo da família. A obra, atribuída ao famoso João de Ruão, recebeu o alvará de construção em 1 de Junho de 1542 e ficou concluída em 1547, segundo atesta a inscrição nas pilastras dos arcos tumulares. No túmulo, pode ler-se que a esposa faleceu a 27 de novembro de 1546, mas nada se diz da data em que terá morrido o cônjuge (veja-se a bibliografia citada por Araújo, 2014: 188-189).

14. Enenkel (2018: 234) também situa a redação de Stockhamer entre 1551 e 1552. De acordo com Merino Jerez e Ureña Bracero (2003), El Brocense terá redigido a primeira versão dos seus comentários a Alciato entre 1550 e 1554.

do nobre. A narração do encontro relatada na dedicatória pressupõe uma certa familiaridade entre os intervenientes, daí que o Senhor de Cantanhede interrogasse o outro *fortuitu interuenientem* sobre as passagens menos perceptíveis até para quem costuma trazer o livro no bolso. Diz-se que o leitor assíduo teria ficado impressionado com a *varietas* ou com a multiplicidade de *applicationes* dos emblemas, transmitindo, assim, um elogio à competência do comentador alemão que procura justificar a pertinência dos esclarecimentos exegeticos. Por outro lado, o apelo à benevolência do destinatário para que recebesse com simpatia o resultado da «encomenda» que fizera levantar a hipótese de ter havido lugar a algum tipo de compensação.¹⁵

É difícil concluir se a redação dos comentários de Stockhamer em Coimbra resulta de um acaso ou de uma *ocasio* não devidamente agarrada, como preconizava o célebre emblema de Alciato (1550: 133). Não havendo provas documentais para contestar a versão sobre a origem do livro contada na dedicatória, continua por esclarecer, no entanto, como é que o manuscrito chegou a Lyon, onde viria a ser impresso, e por que razão não teve qualquer impacto no seio da *alma mater* em que foi concebido, alegadamente para satisfazer o interesse do público local. Seria o Senhor de Cantanhede uma *avis rara* ou representava efetivamente uma elite familiarizada com Alciato? Enenkel (2018: 262) conclui que havia um forte interesse pela emblemática em Portugal por volta de 1550, afirmando que Stockhamer escreveu para a academia conimbricense. De qualquer modo, depois de desperdiçada esta rara oportunidade, a semente da emblemática tardou a germinar em terras lusitanas.

STOCKHAMER, UM PIONEIRO INSPIRADO PELOS CLÁSSICOS

Ao declarar que tinha recebido uma tarefa maior do que as suas forças e «mais pesada do que o Etna», o comentador de Ingolstadt parece exprimir plena consciência de que se tratava de um trabalho difícil e pioneiro, com todos os riscos associados a essa condição. Não se pode, porém, esquecer que tais palavras surgem numa dedicatória, cujos pressupostos estilísticos obedecem à convencional estratégia de *captatio benevolentiae*, que necessariamente transmite a modéstia do autor com a finalidade de aplacar a crítica e atrair a simpatia do (habitualmente) generoso mecenas.

Não se sabe, portanto, se a alegada falta de preparação corresponde à realidade, uma vez que o percurso académico de Stockhamer não está documentado. Fica por esclarecer se teria tido alguma preparação metodológica específica, ou se fez uso dos conhecimentos práticos inerentes aos exercícios de glosa aos textos jurídicos com que estaria familiarizado, se efetivamente frequentou aulas de Direito na Universidade onde, algumas décadas mais tarde, viriam a nascer os famosos comentários aristotélicos conhecidos como *Curso Conimbricense*. O jovem Stockhamer não deixa, no entanto, de apresentar brevemente alguns critérios que serviram de base ao seu labor e que pressupõem uma certa capacidade de reflexão teórica:

15. No momento de composição dos comentários, o Senhor de Cantanhede teria já uma respeitável idade e gozava de um estatuto social que colocava o jovem bávaro numa posição difícil para recusar o pedido (Santa Martha, 1751: 322-334). O secretário de Fábio Arcas não deixa de agradecer a generosidade do interlocutor, mas o sentido dos termos dilui-se no registo convencional da dedicatória: «*Sed ne prolixior et forte molestus sim, haec pauca sufficientiant, quibus me magnificentiae tuae illustri (cuius obsequiis omni promptitudine paratus) quam officiosissimè commendatum uolo*» (Alciato, 1556: 4).

Expus, portanto, a mais sublime poesia do autor e a sua mais polida sabedoria, com um estilo bastante simples, mas muito subtil; comparativamente, o rebuscado Ânser aborrece, entre as cantilenas melodiosas de um odor moribundo. Além disso, coligi aqui histórias e fábulas, algumas imagens naturais e, por fim, feitos memoráveis e ditos com piada e elegância, todos eles provenientes de vários autores, historiógrafos, poetas, oradores e filósofos, narrando-os de forma tão breve e sucinta quanto possível (na verdade, se quisessem registar cada feito que importa, acredita que se diria serem mais prolixos que a *Iliada*). Além disso, acrescentadas e demonstradas (se, por acaso, alguém procurar a matéria com mais certeza ou mesmo até à saciedade) em vários pontos dos autores clássicos. (Alciato, 1556: 4)

Assumindo como opção um estilo acessível para não aborrecer o leitor, o comentador argumenta que não ambiciona ser exaustivo, privilegiando os princípios retóricos da variedade e da brevidade. Não deixa também de salientar a fundamentação do seu discurso nos autores clássicos recorrendo a autoridades como Plínio, uma das fontes mais citadas, logo seguido de Ovídio, a que se juntam Virgílio, Cícero, Homero e Esopo, para citar apenas os mais frequentes.¹⁶ Em consonância com o prefácio da edição dos *Emblemata* publicada em 1550, antes de dar início aos seus comentários, Stockhamer apresenta uma reflexão que surge com a designação *In titulum libelli*, na qual transmite a sua definição de emblema, salientando a aplicação artística dos compostos logo-icónicos, com base na explicação de Budé (Alciato, 1556: 4).¹⁷

O recurso a autores seus contemporâneos é, de resto, um dos traços mais interessantes destes comentários que dialogam com textos humanistas, numa altura em que nas prateleiras da livraria universitária prevaleciam ainda os grossos volumes de erudição medieval, dado que a semente do humanismo italiano plantada por Cataldo Parísio Sículo na corte de D. João II tardou a frutificar no meio académico (Ramalho, 1998: 20). O espírito renascentista animou os escritos novilatinos dos autores lusitanos formados no estrangeiro, quer em Itália (como Henrique Caiado, Martim de Figueiredo e Aires Barbosa), quer em Salamanca, onde estudaram Manuel da Costa e Aires Pinhel (Ramalho, 1998: 68). A reforma universitária prometia uma abertura cultural e ideológica, mas o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal por bula de 23 de maio de 1536 impôs uma mentalidade que olhava com desconfiança para o Humanismo da Renascença, sobretudo porque favorecia o desenvolvimento da crítica comparativa aplicada aos escritos sagrados.¹⁸ O ambiente

16. A este propósito, veja-se os nomes elencados por Enenkel (2018: 262) e Araújo (2014: 191-192).

17. Tradução: «Chama-se emblemas a tudo aquilo que se usa para complementar apenas como ornamento, mas mais propriamente às esculturas e àquelas obras de mosaico, compostas por pedrinhas quadradas e de cores diversas. Antigamente, havia gravações deste tipo aplicadas em muitos pavimentos e paredes, tanto de madeira como de pedra, e também sobre vasos de prata e de ouro; tal como hoje está muito na moda usar cerâmica e vidro, como vemos especialmente nos templos e palácios da Hispânia. Daí que Cícero, em várias passagens, também fale metaforicamente em emblemas, referindo-se a orações artificiosas e muito bem compostas. E assim, também o autor chamou emblemas às engenhosas figuras e às diversificadas e deleitosas sentenças deste livro. Sobre este vocábulo, Budé dá mais informação nas suas anotações ao *Pandecta* e igualmente Crinito, no livro 22, cap. 1, *De honesta disciplina*» (Alciato, 1556: 6). Budé preparou um verbete a propósito de emblema, nos *Commentarii linguae graecae* (Paris, J. Badius, 1529: 522-524), que talvez fossem do conhecimento de Stockhamer, uma vez que Fábio Arcas divulgou, em terras lusitanas, o *mos Gallicus* desenvolvido por Budé, no Colégio de Paris, e por Alciato. O jurista francês é citado como autor de uma *Summa* (Venetiae, Aldus & Andrea Asulani Sorceri, 1522) publicada a partir da versão original do tratado de numismática *De asse* (Paris, 1514).

18. Durante o reitorado de Frei Diogo de Murça (1543-1555), formado em Lovaina, houve um período de renovação e de abertura, fortemente impulsionado pela chegada de mestres estrangeiros. Em 1547, André de Gouveia (que deixara Santa Bárbara para ser o principal do colégio de Guyenne, em Bordéus, no ano de 1534) chegava a Coimbra com um escol de lentes para inaugurar o Colégio Real. No ano seguinte, Diogo de Gouveia assumiu

conturbado que se vivia em Coimbra no momento em que Stockhamer compôs os seus comentários não impediu, no entanto, que ali circulassem as obras de Erasmo, que é, afinal, o autor moderno mais citado pelo bávaro. Cumpre, pois, destacar o profícuo diálogo intertextual que os comentários estabelecem com os *Adagiorum Chiliades* (1508).¹⁹

Com o intuito de justificar a sua missão, Stockhamer insiste na conformidade dos emblemas com os preceitos horacianos do *utile e dulce* e sublinha, assim, a potencialidade morigeradora do livrinho de Alciato. Recorrendo à metáfora do espelho, o hermeneuta ilustra a ação profilática dos versos na formação de um caráter virtuoso e de uma erudição enraizada na cultura clássica. A preocupação didática e o preciosismo da copiosa bibliografia sugerem que o comentador não pretendia apenas dilucidar as composições de Alciato, mas construir uma pequena enciclopédia organizada por temas (Enenkel, 2018: 242). Esta tese pode ser corroborada pelo facto de a primeira edição de 1556 ter sido publicada sem os epigramas, indicando apenas o lema. Além disso, a detalhada informação bibliográfica pressupõe que os leitores iriam consultar as fontes sugeridas e estabelecer redes intertextuais com as autoridades da Antiguidade. Fomenta-se, assim, o diálogo com o passado e com o presente, seguindo a tendência dos comentários humanistas.

De facto, o método de Stockhamer consiste, basicamente, em parafrasear os epigramas de Alciato e, por vezes, assume mesmo um registo que diverge da anunciada «prosa exegetica».²⁰ O comentador afasta-se, pois, da glosa medieval que procurava marcar a exemplaridade do texto, fazendo uso de uma «estética da repetição criativa» que implicava o julgamento, a revisão, a questionação e a descodificação das alegorias (Zumthor, 1990: 15). Os comentários de Coimbra dão voz a um «discurso parasitário» gerado a partir dos versos de Alciato e tendem a adoptar uma postura mimética, afastando-se do posicionamento crítico característico da glosa (Zumthor, 1990: 12). De uma forma geral, a estrutura dos comentários assenta numa recriação parafrástica a que se adiciona um remate sentencioso, reproduzindo o desfecho dogmático dos próprios emblemas.

Através das ligações bibliográficas que promovem, os comentários de Stockhamer procuram amplificar o caráter sentencioso das composições de Alciato, recorrendo a citações rigorosas e a um amplo paralelo com títulos de natureza antológica. Deste modo, o exegeta de Ingolstadt parece usar os emblemas como pretexto para ligar o seu repositório de conhecimentos a outras coletâneas clássicas ou recentes (Enenkel, 2018: 262). Importa não esquecer que esta era uma característica tipicamente humanista; tal como a indicação precisa das referências bibliográficas revela uma preocupação da filologia moderna, orientada para conduzir o leitor ao encontro das fontes. Nesta perspetiva, o método seguido pelo discípulo de Fábio Arcas mostra a sua consonância com a tendência dos comentários da época, estabelecendo ao mesmo tempo uma inegável afinidade com os livros de sentenças em voga naquele período, nomeadamente com as recolhas de Erasmo e Crinito, também inspiradas pelos princípios da *breuitas* e da *uarietas*.

o leme da instituição, mas a animosidade contra os mestres *bordaleses* que tinham ocupado as cátedras dos parisienses foi crescendo. Na sequência da perseguição aos lentes movida pela Inquisição, a escola foi entregue aos jesuítas, dando origem ao Colégio das Artes em 1555.

19. Stockhamer terá sido o comentador de Alciato que mais enfatizou a dívida do jurista milanês para com Erasmo de Roterdão. Os dois humanistas provavelmente nunca se encontraram, mas a correspondência entre eles mostra um profícuo intercâmbio de ideias (Callahan, 1995: 23-26). O secretário de Fábio Arcas estaria familiarizado com a recolha erasmiana, quanto mais não fosse porque a revisão do *Dictionarium* de Jerónimo Cardoso o teria obrigado a ler inúmeras traduções de ditos latinos colhidos nos *Adagia* (embora não identificasse a fonte).

20. Esta particularidade levanta a hipótese de Stockhamer ter concebido os seus comentários tendo no horizonte uma impressão mais compatível com os parques meios tipográficos da realidade portuguesa, ou seja, sem gravuras.

CASTIGATIORA & LONGE LOCUPLETIORA: A EDIÇÃO PLANTINIANA DOS COMENTÁRIOS DE STOCKHAMER

Além de ter sido pioneira, a versão comentada pelo jovem bávaro conheceu um significativo número de passagens pelos prelos, não sendo despiciendo o seu contributo para a divulgação dos *Emblemata. A editio princeps* (Adams, 1999: F036) foi publicada sem os epigramas, mas cedo surgiu outra estampagem de 1556 (Adams, 1999: F037), depois reeditada pelos impressores lioneses Jean de Tournes e Guillaume Gazeau em 1561 (Adams, 1999: F040), 1580 (Adams, 1999: F055) e 1594 (Adams, 1999: F062). Plantin também recorreu à leitura de Stockhamer, utilizada na publicação de Antuérpia, datada de 1565 (Green, 1872: n° 72) e reeditada no ano seguinte (Green, 1873: n° 73). Em 1614, saiu nova impressão em Coligny e em Genebra com o título de *Andreae Alciati Emblematum libri duo, aucti et restituti, et perelegantibus figuris illustrati, cum succinctis commentariolis Sebastiani Stockhameri* (Adams, 1999: F066).²¹ Os comentários lograram novamente letra de forma em 1628 (Green, 1872: n° 156), 1639 (Adams, 1999: F072) e 1648 (Green, 1872: n° 161). Esta última versão incluía as notas redigidas pelo editor ao livro II, imitando o estilo de Stockhamer. Além disso, surgiu, em 1615, uma tradução francesa dos *Emblemata*, reimpressa em 1628, que vertia também os comentários do bávaro (*Les Emblèmes de M. André Alciat*, Cologne, Jean de Tournes II).²²

Esta breve resenha editorial deixa claro que os comentários de Stockhamer tiveram uma evolução dinâmica, uma vez que começaram por ser publicados sem epigramas (o que pode explicar o frequente registo próximo da paráfrase), tiveram uma versão inicial mais breve, foram depois aumentados, mais tarde traduzidos e chegaram a ser imitados, para tentar completar a obra com as anotações ao segundo livro. Torna-se também evidente que a oficina de Jean de Tournes apostou mais na versão comentada por Stockhamer, contrariamente a Plantin que rapidamente substituiu a leitura parcelar de Coimbra pelo trabalho de Mignault. O próprio comentador de Dijon, que veio a alcançar um sucesso notável, promoveu a desvalorização do contributo percussor composto a pedido do Senhor de Cantanhede. Na reflexão introdutória conhecida com o título de *Syntagma*, Claude Mignault avalia os *commentariola* do seu antecessor, autoproclamando-se um «justo apreciador do talento alheio»:

E não quero parecer dissimulado, eu bem sei que há dezoito anos um alemão, Sebastian Stockhamer, redigiu uns breves comentários (assim foram designados) a alguns dos emblemas de Alciato, num estilo bastante familiar e desprezioso. Se ele terá conseguido chegar ao pensamento do autor e à subtileza dos assuntos, essa será uma questão a ser discutida por outros. Falo da edição lionesa do tipógrafo Jean de Tournes e não da outra que há alguns anos preparou Plantin, o tipógrafo mais competente do nosso tempo. Esta última, graças a várias adições, é muito melhor do que a primeira, o que não será difícil de perceber para qualquer um que queira comparar as duas edições. Mas mesmo esta, tal como se apresenta, não parece digna aos olhos dos eruditos. Mas,

21. Pertence a esta edição a única cópia dos comentários de Stockhamer que conseguimos localizar nas bibliotecas portuguesas (Biblioteca Nacional de Portugal, cota: S.A. 455 P).

22. Estas publicações recuperam o formato em dois livros típico das edições lionesas de Tournes e Gazeau, com xilografuras do célebre Bernard Salomon a partir de 1547. Lefrève traduzira apenas os primeiros 110 emblemas, pelo que Jean de Tournes II decidiu rever o texto, além de verter para francês os emblemas omitidos e os comentários que ele próprio acrescentara, no total de 212 composições. No entanto, a edição de 1615 nada tinha a ver com a qualidade das impressões de Lyon e deixou por ilustrar grande parte do livro II (Adams, 1999: F.068).

seja como for, o tal Stockhamer escreveu apenas sobre alguns emblemas, não abrangeu todos, talvez porque não foi capaz de perceber o que o autor queria dizer nos outros, são tão obscuros que quem os quisesse explicar convenientemente precisaria de ter um conhecimento muito vasto ou ser como um nadador de Delos.²³

Mignault considera o comento de Coimbra indigno dos olhos dos leitores mais eruditos e alega que tinha sido escrito num estilo escolar e demasiado simplista para destrinçar a complexa essência dos emblemas. Além disso, censura o antecessor por ter selecionado apenas os emblemas que conseguira compreender, insinuando que a difícil tarefa de descodificar os versos mais obscuros estava reservada para alguém com um conhecimento fora do comum.²⁴ A acusação de incompletude revela-se injusta porque a disposição dos emblemas indica que Stockhamer teria usado uma versão do *Emblematum libellus* anterior à estampagem veneziana de 1546. No entanto, não se sabe se seria uma opção intencional ou condicionada pelas dificuldades de acesso a uma publicação mais recente em terras lusitanas.²⁵

Pese embora a sua intenção de desvalorizar a relevância do precedente, o testemunho crítico do comentador de Dijon fornece uma pista importante sobre a comparação das edições lionesa (Alciato, 1556) e plantiniana (Alciato, 1565). No entanto, esta tarefa nunca cativou a atenção dos estudiosos. A impressão de Antuérpia distingue-se, desde logo, pelo título que enfaticamente anuncia uma nova versão «revista e muito aumentada» dos «*succinta commentariola*» [fig. 2]. Além disso, inclui um privilégio real, datado de Bruxelas, em 26 de maio de 1564, que assegura a Cristophe Plantin a exclusividade de impressão dos emblemas de Alciato com os comentários de Stockhamer durante quatro anos. A obra do jurista milanês nunca tinha sido impressa na região e o volume preparado recebeu bom acolhimento, a julgar pela reedição logo no ano seguinte, a que se juntou uma estampagem apenas dos *Emblemata* em 1567. Ainda assim, o interesse da oficina foi transferido para Mignault a partir de 1573. Importa também referir que a comparação com a edição lionesa permite verificar que a dedicatória impressa em Antuérpia reproduz fielmente o texto de 1556, mas atualiza a data, que avança exatamente onze anos a partir da versão original («*Ex Lusitaniae inclyta Conimbricensi Academia Kal. Mart. Anno a partu virgineo, sexagesimo tertio supra sesquimillesimum*»).

23. *Nec enim dissimulare videar, scio ante annos octodecim, Sebastianum Stokamerum Germanum in aliquot Alciati emblemata scripsisse commentariola (sic enim appellat) familiariter admodum et studio facili concinnata: sed an fuerit auctoris mentem, et argumenti splendorem secutus, aliorum esto iudicium. Loquor de Tornesii Lugdunensis typographi editione, non de alia quadam quam ante aliquot annos[84] adornavit Plantinus hac nostra aetate diligentissimus typographus: ea enim aliquot accessionibus longe alia est quam prior: quod non erit obscurum ei qui editionem utramque conferre volet. Sed vel posterior, ut sit, ea est tamen, ut eruditorum oculis non satis digna videatur. Sed esto, scripsit Stokamerus ille in aliquot emblemata, non tamen attigit omnia: siquidem forte divinare non potuit quid in aliis auctor sibi vellet, ita quaedam perobscura sunt, ut vel multa rerum cognitione vel Delio natatore sit opus ei qui ea commode velit explicare.* (Mignault, 1577: 22-23).

24. A figura do «nadador de Delos» é usada por Erasmo (*Adagia*, I, VI, 29) e por Alciato (*De verborum*, 1530: 4) para representar alguém muito competente. As críticas de Mignault (1577: 27) também atingem Aneau, a quem acusa de ser lacónico e incompleto nas suas explicações.

25. A edição mais antiga dos *Emblemata* nas bibliotecas da Universidade de Coimbra é uma cópia dos *Opera Omnia* de Alciato publicado em Basileia no ano de 1550 (cota: 3-18-5-3). Por outro lado, o medalhão alegadamente esculpido por João de Ruão na segunda metade do século XVI com base na figura alcianiana da *Occasio* terá reproduzido as edições de Wechel, sugerindo a sua circulação na época (Moura Sobral, 2008: 110). Nas bibliotecas portuguesas prevalecem as edições mais tardias dos *Emblemata*, posteriores a 1550, estando identificadas, pelo menos, 23 impressões diferentes, num total de 53 exemplares. Predominam as edições comentadas, entre as quais se destaca Mignault, nas versões plantinianas (1573, 1581, 1608) e lionesas de Roville (1573, 1614 e 1600). A edição com maior número de cópias é o volume paduano de 1621.

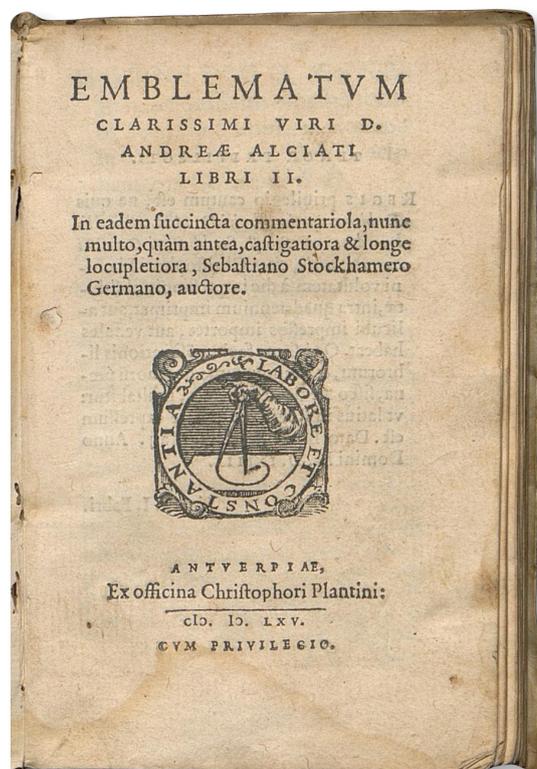


Fig. 2. Página de rosto de Alciato, *Emblematum libri*, 1565. Foto da autora.

no âmbito dos contactos regulares da corte portuguesa com os livreiros lioneses, ou talvez tivesse sido concertada por algum intermediário bem relacionado com um dos centros mais ativos na impressão dos *Emblemata*, em resultado da espantosa rede de comunicação que conectava os intelectuais e os editores da Renascença. E a apetência do público pelo livro de Alciato deve ter motivado Plantin a publicar um volume comentado, recorrendo ao único disponível. A diferença de extensão das anotações em prosa na edição de 1565 é bem visível, como alertou Mignault, deixando de certo modo pairar a ideia de que o aperfeiçoamento seria fruto da intervenção do «tipógrafo mais competente» da época, a quem certamente pretendia agradar. O papel do editor terá talvez sido decisivo para estimular o jovem bávaro a rever o seu trabalho, o que não significa necessariamente que houvesse intervenção direta de mão alheia no texto que veio a lume em 1565. Em termos gerais, cumpre salientar que todos os comentários sofreram transformações, mais ou menos significativas e alargadas, na edição flamenga. Mas por que razão terá surgido a versão revista e aumentada? E por que motivo não foi utilizada nas versões lionesas mais tardias?

Não é possível responder definitivamente a estas questões, ainda que a análise de algumas passagens exemplificativas das alterações possa lançar pistas de investigação. No comentário ao emblema *Prudentes vino abstinent*, os comentários impressos em Lyon são breves [fig. 3 e 4] e incluem uma referência ao facto de as oliveiras serem árvores muito frequentes na Hispânia (Alciato, 1556: 87-88).

Cumpre ainda salientar que a edição de Plantin substituiu o epigrama em que Alciato dedica a obra a Peutingger por uma paráfrase em prosa com o título de *Clarissimi atque aeterni nominis viri D. Andreae Alciati in suorum Emblematum elegantissimum brevis praefatio*. Uma vez que este texto explicativo não figura nas impressões lionesas, poder-se-á questionar a sua autoria. Cotejando a edição plantiniana com as de Jean de Tournes, fica também claro que as gravuras executadas por A. Nicolai e G. Janssen van Kampen copiam os traços de Bernard Salomon numa versão simplificada (Voet, 1980: 22). Plantin manteve igualmente a constituição bipartida da edição lionesa, com 113 emblemas (incluindo *pictura*) comentados no primeiro livro, a que se juntam 86 emblemas (sem gravuras e sem comentários) no segundo livro.

A investigação desenvolvida ainda não permitiu apurar cabalmente qual a verdadeira intervenção de Stockhamer nas edições dos seus comentários, quer em Lyon, quer em Antuérpia. A impressão na cidade francesa compreende-se

E M B L. L I B. I. 87

gitudine mediocri, qui in mari etiã contra fecundos ventos & remes solus nauigiũ quodcunq; maximum adhærendo naualibus tabulamentis retinet, adeoq; constrictum retinet, vt amplius nec currere nec procedere possit, quæ res vectores angit, & sollicitos vehemèter habet. Plin. li. 9. cap. 25. & li. 32. cap. 1. Isidor. & Aelian. li. 12. cap. 45. referunt. Sic etiã homines quosdam licet admodum ingeniosos virtuososq; retardat & impedit causa aliqua leuissima, vt in medio cursu pergere amplius non possint, veluti in quibusdam est anxia lis, vel amor meretricũ & huiusmodi, quæ plerunq; iuuenes ab egregijs & scrijs studijs distrahũt.

Prudentes vino abstinent. L.



*Quid me uexatis rami: sum Palladis arbor,
Auferte hinc botros, uirgo fugit Bromium.*

f 4 COMM

Fig. 3. Alciato, *Emblematum libri*, 1556, p. 87. Fonte: University of Glasgow Library, Special Collections (Sp Coll SM36).

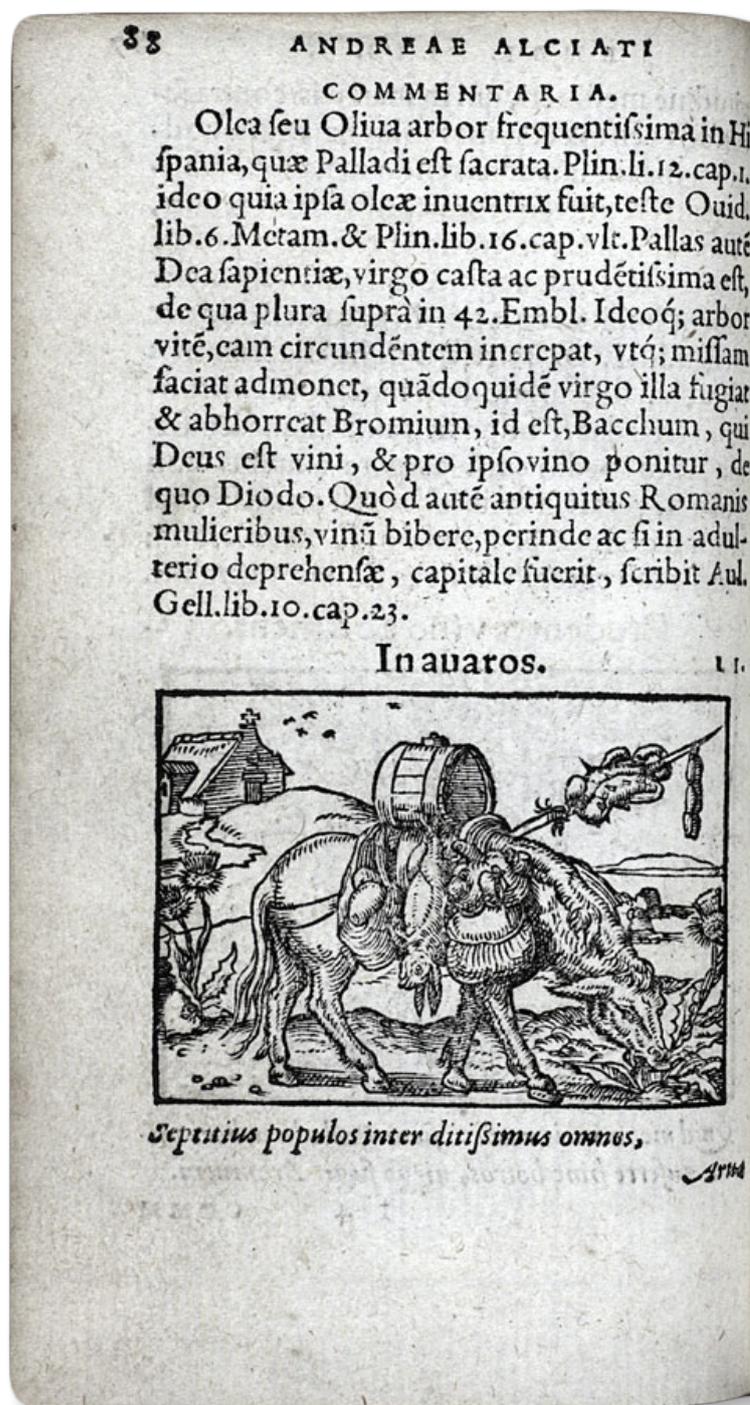


Fig. 4. Alciato, *Emblematum libri*, 1556, p. 88. Fonte: University of Glasgow Library, Special Collections (Sp Coll SM36).

Na versão de Plantin, o número de linhas do comento ultrapassa o quádruplo da redação original, incluindo uma descrição mais pormenorizada da *oliua* e várias citações adicionais [fig. 5, 6 e 7]. O renovado texto, por sua vez, acrescenta um advérbio de lugar (*hic*) cuja natureza deíctica permite situar o autor na Hispânia, fortalecendo a tese de que terá sido o próprio Stockhamer, que ainda vivia em Coimbra nessa data, a escrever a versão revista. A distância temporal entre as edições de 1556 e de 1565 poderia facilmente justificar a dimensão dos acrescentos feitos pelo mesmo autor, refletindo o seu amadurecimento pessoal e científico. Além disso, a dedicatória ao Senhor de Cantanhede datada de 1563 corrobora essa tese, pressupondo um lapso temporal razoável para que fosse possível satisfazer as exigências surgidas na sequência da edição de Jean de Tournes que terá servido de modelo ao tipógrafo flamengo.

Outros argumentos confirmam que Stockhamer interveio diretamente na versão publicada por Plantin, uma vez que os enxertos identificam Portugal. No comentário ao emblema «*In stauam Bacchi*», procurando explicitar o termo *hemina*, afirma-se: «*est autem hemina mensurae genus dimidium sextarii continens, fere quod Lusitanis quartillio dicitur*» (Alciato, 1556: 116 e 1565: 127). É certo que outros comentadores mencionam o quartilho neste passo como medida hispânica, mas o facto de se especificar a sua utilização na Lusitânia sugere que seria essa a localização do autor.²⁶

Cumpram também acrescentar que, ao refletir sobre o conteúdo do emblema «*In obliuionem patriae*», o comentador enfatiza a censura aos homens que abandonam a sua pátria e parecem esquecer-se dela, tal como sucedera ao próprio Ulisses nas terras dos Lotófagos (Alciato, 1556: 181). Na versão publicada em Antuérpia, o texto é visivelmente mais rico em ligações intertextuais e inclui uma nota pessoal que vale a pena lembrar: «Daqui nasceu o provérbio ‘provou o fruto de loto’, relativamente a quem se demora demasiado nas regiões estrangeiras (como nos acontece, de facto, não pela doçura, mas por ação das circunstâncias)» (Alciato, 1565: 197). Esta alusão do comentador a uma experiência prolongada num país estrangeiro por força das circunstâncias espelha perfeitamente a situação vivida por Stockhamer em Coimbra. Além disso, a introdução destas palavras enfatiza o tom mais amadurecido que perpassa na versão de Antuérpia, por iniciativa do próprio autor ou por exigência do impressor.

Por último, torna-se pertinente apontar outro comentário que conheceu um alargamento substancial na versão de Plantin. A propósito do emblema *Ex bello pax*, o exegeta defende as vantagens dos tempos de paz:

Apresenta-se um elmo, que outrora servia o bravo soldado na guerra, e muitas vezes era manchado pelo sangue inimigo. Agora, num momento de paz, esse mesmo elmo passou a ser morada de abelhas, ou seja, uma pequena colmeia, repleta de favos e mel (quase me parece transferida da Alemanha para a Lusitânia; lá havia sempre guerra, aqui tudo é pacífico e tranquilo). E de modo semelhante também do ruidoso e voracíssimo leão, que Sansão despedaçara, saiu um alimento muito doce, com favos de mel, e por isso ele propôs um enigma adequado: «do predador voraz proveio a comida e do forte proveio a doçura», no *Livro dos Juízes*, cap. 14. Deve-se, por isso, afastar e rejeitar por completo aquelas guerras danosas e nefastas, e agora só se deve pegar nas armas quando por nenhum outro modo for permitido viver em paz. (Alciato, 1556: 80)

26. Para esclarecer a resposta de Baco sobre a medida a respeitar na preparação do vinho, o comentador observa: «não deve continuar a beber além de uma hemina (a hemina é um tipo de medida que corresponde a meio sextário, aproximadamente o que se chama um quartilho em Portugal)». O quartilho é também citado neste ponto por El Brocense (1573: 111) e Diego López (1615: 93).

90 AND. ALCIATI
pariterq̄, ab egregijs & serijs studijs, iam feliciter
cæpris, distrahunt & planè auocant.

Prudentes vino abstinent. L.

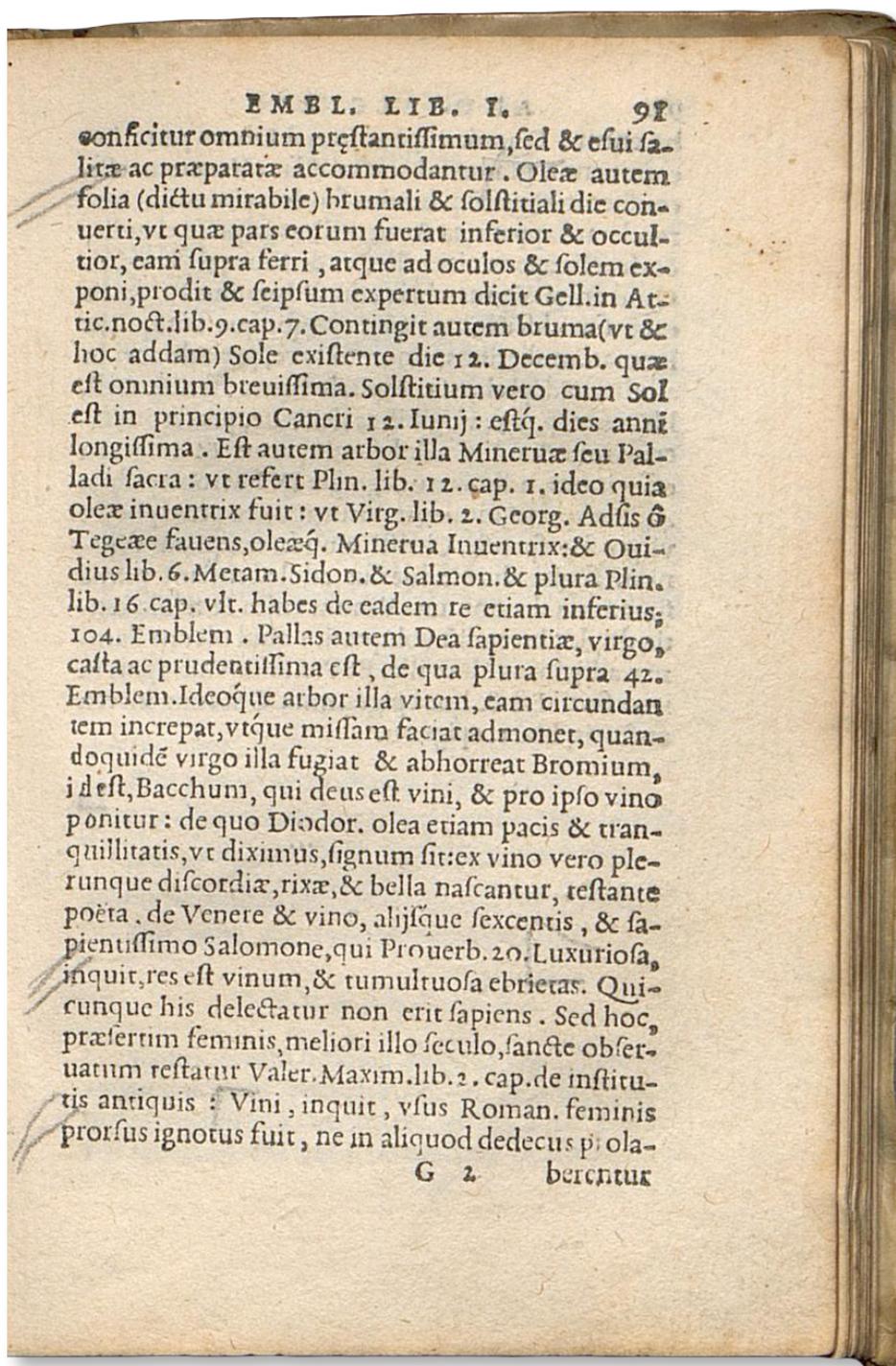


*Quid me vexatis rami : sum Palladis arbor,
Auferte hinc bovos, virgo fugit Bromium.*

COMMENTARIA.

Olea seu oliua, arbor est hîc in Hispania atque etiam in Italia norissima & frequētissima : Germanis vero, & Septentrionalem plagam inhabitantibus pene incognita: gaudet enim regione subcalida & temperata : cui folia nunquam deficiunt, semperq̄ frondet, crescit lente & tardius, perdurat tamen annis plurimis. Ea olim coronabâtur equites, triumphantes, & ouantes : gestâibus indicium erat pacis : fructum fert vilissimum, baccas nimirum oblongas, prunulis similes, ex quibus oleum conficitur

Fig. 5. Alciato, *Emblematum libri*, 1565, p. 90. Foto da autora.

Fig. 6. Alciato, *Emblematum libri*, 1565, p. 91. Foto da autora.

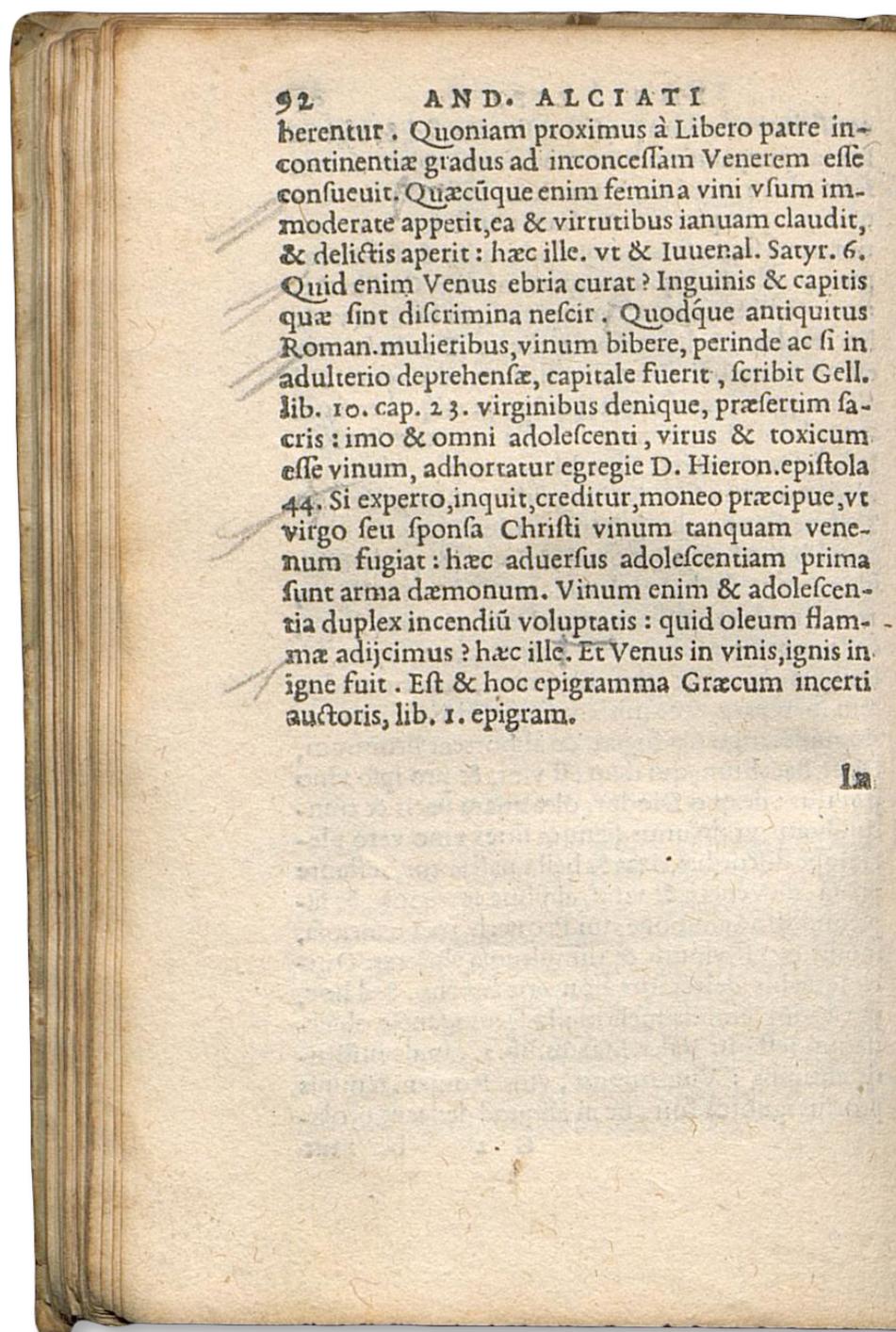


Fig. 7. Alciato, *Emblematum libri*, 1565, p. 92. Foto da autora.

Depois de revisto, o comentário torna-se menos conciso e mais claro, enfatizando a experiência pessoal do comentador. Em vez do contraste entre o clima bélico vivido na Baviera e a idílica tranquilidade conimbricense,²⁷ formula-se um elogio a Portugal em termos hiperbólicos:

Apresenta-se um elmo de ferro, ou um capacete de bronze, que na guerra terrível e fatal de outrora servia o soldado furioso e era muitas vezes manchado pelo sangue inimigo. Agora, porém, que vivemos um momento de tão desejada paz, passou a ser morada das abelhas produtoras de mel, uma pequena colmeia. Purificado pelos alimentos mais delicados e pelos favos perfumados, está repleta de doce mel. E a partir desta imagem, censura-se, como é devido, os efeitos cruéis, perniciosos, penosos e infelizes criados por causa dos nefandos ímpetos bélicos; em tempo de paz, pelo contrário, tudo se torna brando, útil, harmonioso e feliz. E assim este bem deve ser abraçado com todo o empenho e todas as forças, e mantido para sempre (se for possível). Parece-me que, nos tempos em que vivemos, dificilmente, noutra lugar que não fosse na feliz Lusitânia (porque os deuses vertem sobre ela todas as riquezas) poderia a paz ter a sua sede, como se estabelecesse a sua morada. Do mesmo modo, lemos no velho ensinamento um problema semelhante proposto pelo exímio e destemido Sansão aos Filisteus, que não o teriam conseguido resolver, se não lhes tivesse sido revelado pela iníqua mulher do próprio Sansão. No *Livro dos Juizes*, capítulo 14, diz-se: «Do comedor voraz saiu a comida e do forte e feroz saiu a doçura». Ele tinha matado e despedaçado um predador muito feroz, um leão colérico que se tinha cruzado com ele por acaso; pouco depois, encontrou na boca daquele cadáver um enxame de abelhas, doces favos e sucos de mel, e comeu-os com profundo agrado. Foi, na verdade, um prémio condigno de tamanho trabalho. Afinal, quantos proveitos, que monte de bens, que corno da abundância alcançam os mortais graças à suavíssima paz, como se colhe em muitos textos dos filósofos, historiadores e poetas, sobretudo Tibulo, no livro 1. Deve-se, por isso, afastar e rejeitar por completo aquelas guerras danosas e nefastas, e agora só se deve pegar nas armas quando por nenhum outro modo for permitido viver em paz. (Alciato, 1565: 81)

A definição da «feliz Lusitânia» como morada da Paz sobre a qual a Providência divina vertia todas as suas benesses sugere que a revisão dos comentários poderá ter sido redigida (ou pelo menos iniciada) muito antes da data indicada na dedicatória, e provavelmente até num período anterior à morte de D. João III, em 1557. A generosidade do monarca (ou a intenção de o persuadir a ser complacente) poderá ter influenciado a mudança das palavras de Stockhamer, mas estas deixaram de fazer sentido depois do falecimento do Piedoso, que pôs fim a um período áureo da história portuguesa. De acordo com os arquivos do Museu Plantin Moretum, que conserva as pranchas originais da publicação de Antuérpia, os desenhos foram feitos pelo artista parisiense G. Ballain, com xilogravuras cortadas por A. Nicolai em abril-junho de 1565. O financiamento foi libertado entre 10 de novembro e 16 de dezembro 1564, mas Plantin cometeu um grande erro no cálculo do papel necessário e houve também complicações na entrega das gravuras (Voet, 1980: 22-23). Estes incidentes eram comuns e muitas vezes arrastavam-se ao longo de anos, não sendo inusitada a delonga entre a conclusão do manuscrito e a impressão.

Não deixa também de ser curioso notar que tenha saído dos prelos de Plantin –e com privilégio real– tão rasgado louvor a Portugal, num momento em que Filipe II procurava afirmar o seu poder em Antuérpia. Este detalhe, que terá talvez escapado à supervisão do editor Christophe Plantin, poderá indiciar que Stockhamer reformulou a versão inicial dos

27. O autor foca-se na ausência de conflitos militares, mas a descrição não deixa de contradizer o clima de intriga e rivalidade que deu origem, no Verão de 1550, aos processos inquisitoriais de Diogo de Teive, João da Costa e Buchanan.

seus comentários à luz de um conhecimento amadurecido, mas também das novas circunstâncias em que se encontrava após a morte de Fábio Arcas em 1554. Por conseguinte, embora seja plausível que tenha sido coagido a corresponder aos rigorosos padrões de qualidade do editor flamengo, não será justo atribuir maioritariamente ao diligente tipógrafo o mérito das significativas melhorias patentes nos comentários impressos na versão revista e aumentada de 1565.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta a argumentação desenvolvida, parece-nos provável que Stockhamer tenha efetivamente escrito em Coimbra as duas versões dos seus comentários, embora isso não implique que a obra tenha sido especificamente preparada para o público português, como sugere Enenkel (2018: 262-263). As fontes clássicas e humanistas ali mencionados eram conhecidas no vasto seio da *respublica litteraria*, não havendo referências a autores lusitanos. Torna-se, assim, difícil provar que a obra tenha sido composta tendo como horizonte de expectativa o ambiente intelectual da academia coimbricense, até porque não foi possível identificar, até agora, nenhum contemporâneo que a ela faça menção e não há indício de que tenha circulado em Portugal. As notícias biobibliográficas sobre o corretor da imprensa da Universidade omitem os comentários aos *Emblemata*, dando a entender que a obra não teve receção em Portugal.²⁸ Embora alegadamente composta a pedido de um nobre local muito familiarizado com Alciato, Stockhamer escreve num registo enciclopédico destinado a leitores cultos, tendo como referência a matriz clássica e os paradigmas estrangeiros reconhecidos na época, por isso foi bem acolhida a sua publicação em diferentes cidades europeias. Exceptuando algumas referências muito pontuais que aludem ao contexto em que se encontrava, os comentários de Stockhamer pressupõem uma leitura universal, de acordo com os códigos interpretativos da cultura humanista.

Com efeito, ao contrário dos exemplos sucedâneos, o primeiro comentador não seguiu um método de comentário com base nas explicações *ad verbum* e parte de uma paráfrase a que junta o diálogo intertextual com autores antigos e modernos, numa perspetiva interdisciplinar que pode ser comparada a uma enciclopédia ordenada por temas como os *libri sententiarum* em voga naquele período (Enenkel, 2018). Tal como pretendia o Senhor de Cantanhede, Stockhamer procurou enfatizar a dimensão pedagógica e recreativa dos emblemas, ao mesmo tempo que cruzou conhecimentos colhidos em diferentes áreas do saber.

Além disso, a história editorial dos comentários de Stockhamer mostra que as quinze impressões publicadas em Lyon, Antuérpia e Genebra, saídas dos prelos de prestigiadas oficinas da época, serviram de balão de ensaio para as edições posteriores. O seu estatuto pioneiro deve, pois, ser reconhecido, uma vez que o comento desbravou caminho a dois níveis: foi preciso apurar a técnica editorial para acolher o texto em prosa e foi necessário construir uma metodologia de abordagem ao texto de Alciato. Não admira, portanto, que a comparação entre as edições de Lyon e de Antuérpia testemunhe uma evolução qualitativa

28. Talvez os comentários de Coimbra tenham, de alguma forma, sofrido os efeitos colaterais da sua ligação ao humanismo erasmiano, sobretudo a partir da perseguição aos lentes, precisamente nos inícios da década de cinquenta. O elenco de títulos censurados indicava algumas obras referenciadas por Stockhamer. A inclusão dos *Emblemata* no rol de proibições específicas para a Lusitânia no *Index* de 1624 vem confirmar que a obra de Alciato circulava em Portugal (Araújo, 2014: 202-203).

através das alterações que parecem conduzir a maior rigor e clareza do discurso, sacrificando a brevidade anunciada. De resto, os exemplos de El Brocense e de Mignault comprovam que era comum haver várias versões do trabalho dos comentadores, porque resultava de um processo gradual e muito permeável ao exercício da reescrita.

E se a importância do trabalho de Stockhamer tem sido desvalorizada, provavelmente pelo seu caráter parcelar e pela visão preconceituosa de Mignault, cumpre agora desenvolver oportunidades de investigação no âmbito das edições comentadas de modo a avaliar melhor o contributo deste trabalho pioneiro para a divulgação de Alciato. Ao aceitar receber sobre os ombros a responsabilidade de uma tarefa acima das suas capacidades e, por isso, mais pesada que o Etna, o comentador de Coimbra faz eco da imagem clássica do Gigante Tifeu sepultado sob o vulcão, representando a pressão que se coloca sobre os escritores, sujeitos a invejas e críticas. Este ícone inspirou Juan de Horosco na composição final dos seus *Emblemas Morales*, impressos pela primeira vez em 1589. Para transmitir uma mensagem de consolo a todos os que aceitam um desafio maior que as suas forças, o emblematista tomou o mote de Propércio «*In magnis et uoluisse sat est. En las cosas grandes el auerlas querido basta*» (Horosco, 1604: 201). Stockhamer não conseguiu alcançar a perfeição, mas não deixa de merecer o devido reconhecimento por ter sido o primeiro a tentar tornar mais acessível ao entendimento dos leitores a linguagem que Alciato dizia ter criado para que fosse possível a qualquer um escrever com signos mudos.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, A. e outros [1999-2001]. *A Bibliography of French Emblem Books*, 2 vols, Geneva, Droz.
- Alciato, A. [1546]. *Emblematum libellus*, Venetiis, Aldus.
- Alciato, A. [1550]. *Emblemata*, Lugduni, Apud Mathiam Bonhomme
- Alciato, A. [1556]. *Emblematum Libri II. Nuper adiectis Seb. Stockhameri Germ. in primum librum succintis commentariolis*, Lugduni, Apud Ioannem Tornaesium et Gul. Gazeium.
- Alciato, A. [1565]. *Emblematum Clarissimi uiri D. Andreae Alciati libri II. In eadem succincta commentariola, nunc multo, quàm antea, castigatiora & longe locupletiora, Sebastiano Stockhamero Germano, auctore*. Antuerpiae, ex officina Christophori Plantini.
- Alciato, A. [1571]. *Omnia Andreae Alciati V. C. Emblemata cum luculenta et facili enarratione, qua cuiusque emblematis origo, mensque auctoris explicatur: et obscura uel dubia illustrantur. Per Claudium Minoem diuisionem. Excerpta omnia ex integris eiusdem in eadem emblemata commentaris*, Parisiis, ex typographia Dionysii a Prato.
- Alciato, A. [1573a]. *Francisci Sanctii Brocensis In inclyta Salmaticensi Academia Rhetoricae, Graecaeque linguae Professoris, Comment. in And. Alciati emblemata, nunc denuo multis in locis accurate recognita & quam plurimis figuris illustrata. Cum Indice copiosissimo*, Lugduni, Apud Gviliel. Rovillium.
- Alciato, A. [1573b]. *Omnia Andreae Alciati V. C. Emblemata cum commentariis, quibus Emblematum omnium aperta origine, mens auctoris explicatur et obscura omnia dubiaque illustrantur. Per Claudium Minoem diuisionem*, Antuerpiae, Ex officina Christophori Plantini.

- Alciato, A. [1621]. *Emblemata cum commentariis Claudii Minois I. C. Francisci Sanctii Broccensis, et Notis Laurentii Pignorii Patavini. Nouissima hac editione in continuam vnius Commentarii seriem congestis, in certas quasdam quasi Classes dispositis, et plusquam dimidia parte auctis. Opera et vigiliis Ioannis Thuilii Mariaemontani Tirol. (...)*, Patauii, Apud Petrum Paulum Tozzium.
- Araújo, F. [2014]. *Verba significant, res significantur: a receção dos Emblemata de Alciato na produção literária do Barroco em Portugal*. <<http://hdl.handle.net/10316/26492>> 24-03-2020.
- Callahan, V. [1995]. «Erasmus' s Adages. A pervasive element in the Emblems of Alciato», *Emblematica*, 9, 241-256.
- Enenkel, K. A. [2018]. «The Transformation of the Emblem Book into an Encyclopaedia: Stockhamer's Commentary on Alciato (1551/1556)», em K. A. Enenkel, *The Invention of the Emblem Book and the Transmission of Knowledge, ca. 1510-1610*, Leiden/Boston, Brill, 233-263.
- Horosco, J. [1604]. *Emblemas Morales*, Zaragoza, por Alonso Rodríguez a costa de Juan de Bonilla. < <https://www.bidiso.es/EmblematicaHispanica/>> 25-03-2020.
- Fonseca, F. [2001]. «A imprensa da Universidade no período de 1537 a 1772», em *Imprensa da Universidade de Coimbra: uma história dentro da história*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 7-52.
- Merino Jerez, L. e Ureña Bracero, J. [2003]. «On the Date of Composition of El Brocense's Commentaria in Alciati *Emblemata*», *Emblematica*, 13, 73-96.
- Green, H. [1872]. *Andrea Alciati and his Book of Emblems. A Biographical and Bibliographical Study*, London, Trübner.
- López, D. [1615]. *Declaracion magistral sobre las Emblemas de Andres Alciato con todas las Historias, Antiquedades, Moralidad, y Doctrina tocante a las buenas costumbres. Por Diego Lopez, natural de la Villa de Valencia de la Orden de Alcantara. Dirigido a Don Diego Hurtado de Mendoza, Cauallero de la Orden de Santiago, Señor de la casa de Mendoza, de la Corçana, y sus Villas, Capitan, y Diputado General de la Prouincia, Ciudad de Victoria, y Hermandades de Alaua, por el Rey Nuestro Señor, Najera, por Iuan de Mongaston*.
- López Poza, S. [2000]. «Los libros de emblemas como tesoros de erudición auxiliares de la inventio», em R. Zafra e J. Azanza (eds.), *Emblemata aurea. La Emblemática en el Arte y la Literatura del Siglo de Oro*, Madrid, Akal, 263-279.
- Mignault, C. [1577], «Syntagma», em *Omnia Andreae Alciati v. c. Emblemata: Antuerpiae, Ex officina Christophori Plantini*, <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/Mignault_letter.html> 25-03-20.
- Moura Sobral, L. [2008]. «'Occasio' and 'Fortuna' in Portuguese Art of the Renaissance and the Baroque: a Preliminary Investigation», *Glasgow Emblem Studies*, 13, 101-124.
- Ramalho, A. [1998]. *Para a história do Humanismo em Portugal*, vol. III, Lisboa, INCM.
- Santa Martha, T. [1751]. *Elogio histórico da Illustrissima, e excelentíssima casa de Cantanhede Marialva, chefe dos esclarecidos Menezes, e Telles*, Lisboa, Oficina de Manoel Soares Vivas.
- Voet, L. e Voet-Grisolle, J. [1980-1983]. *The Plantin Press (1555-1589): A Bibliography of the Works Printed and Published by Christopher Plantin at Antwerp and Leiden*, Amsterdam, Van Hoeve.
- Vuilleumier, F. [2000]. *La raison des figures symboliques à la Renaissance et à l' âge classique*, Genève, Droz.
- Zumthor, P. [1990]. «La glose créatrice», em G. Mathieu-Castellani e M. Plaisance (eds.), *Les commentaires et la naissance de la critique littéraire France/Italie (XIVe-XVIe siècles)*, Paris, Aux amateurs de livres, 11-18.